

O novo estilo

TARCÍSIO HOLANDA

2 0 NOV 1994

O presidente Fernando Henrique Cardoso tem proclamado, em sucessivas oportunidades, que não transigirá com o tráfico de influência e o fisiologismo na construção de sua base de apoio político e parlamentar, vícios centenários da política brasileira. O futuro presidente defende uma radical mudança de nossos costumes políticos, de forma que seja possível aglutinar diferentes forças políticas em torno de certas idéias centrais.

De perfil semelhante ao futuro presidente da República, em matéria de estilo de fazer política, o presidente do PSDB, João Pimenta da Veiga, sempre repudiou o apelo ao troca-troca, que caracteriza a política brasileira. Foi o próprio Pimenta quem antecipou essa preocupação do novo presidente da República, revelando sua disposição em se empenhar para combater qualquer idéia de loteamento de cargos na negociação de apoio no Congresso.

Com o advento da Nova República, Tancredo Neves teve de se submeter a imposições dos pleitos mais descabidos para garantir a vitória no Colégio Eleitoral do velho regime, esvaziando Paulo Maluf como competidor. O astuto mineiro concordou em lotear os cargos administrativos como se retalha o peru na Ceia de Natal. Uns ficavam com o peito; outros, com as coxas; e

outros, ainda com asas, pescoço, pelancas é tudo quanto é resto desse festim, que tanto comprometeu a qualidade dos serviços públicos quanto à imagem da classe política no Brasil.

A Aliança Democrática é, hoje, símbolo de acordo político de última extração moral que deve ser evitado, a qualquer custo. O PMDB e o PFL fizeram as vezes de verdadeiros abutres, disputando a carniça do poder sem qualquer escrúpulo. Nem órgãos técnicos, nem mesmo bancos, escaparam voracidade e ao apetite insaciável dessas convivas do banquete fisiológico.

Depois da Nova República, tivemos o terremoto causado pelo governo Collor sobre a máquina do Estado, em um processo de destruição deliberada dos serviços públicos de maior eficiência. Foram dizimados os núcleos de controle e fiscalização interna nos ministérios, assim como liquidou-se, definitivamente, com a Secretaria da Receita Federal, com a fuga dos seus melhores e mais qualificados servidores.

Procede, portanto, a preocupação do futuro presidente da República em preservar a qualidade dos serviços públicos, evitando a indicação meramente política. Certamente, Fernando Henrique Cardoso tem consciência de que terá de levar para junto de si, nos centros de decisão política, elementos representativos das forças que o ajudaram a

conquistar o poder. Porém, acautela-se tomando providências para eliminar a possibilidade de êxito de um sistema que teve funestos resultados sobre a qualidade dos serviços prestados pela máquina do Estado, comprometendo a imagem dos nossos homens públicos perante a Nação.

O loteamento de cargos e funções públicas serviu para desmoralizar o poder civil e as instituições políticas. Porém, a verdade é que os nossos políticos, com as exceções de praxe, se habituaram às práticas viciosas, que remontam aos tempos do Império e da República Velha. De tal forma que se tem ouvido com frequência protestos murmurados ao pé do ouvido por muitos parlamentares contra a postura anunciada pelo futuro presidente da República.

O sr. Fernando Henrique Cardoso deve se armar de paciência para enfrentar as pressões de muitos dos que não se conformam com os novos tempos. Se não há risco de derrotas no Congresso, pelo menos no começo, quando o presidente está forte, não se pode afastar a hipótese de eventuais manifestações desses inconformismos em votações no plenário da Câmara e do Senado. Todo cuidado é pouco.

■ *Tarcísio Holanda* é repórter de Política do Jornal de Brasília